



# Passos administrou empresa que cresceu com fundos geridos por Relvas

**Investigação.** Empresa de formação de que Passos foi consultor e gestor ficou com um quarto dos contratos celebrados com privados pelo programa Foral, que era tutelado por Relvas, entre 2002 e 2004 **Destaque, 2 a 7**

## Marquês de Pombal já respira melhor ao fim de 15 dias

Primeiro balanço sobre as alterações no centro de Lisboa mostra melhorias na qualidade do ar e no trânsito. A má sinalização continua a ser o principal problema **Local**

**LIGA**  
FCPORTE VENCE  
SPORTING (2-0)  
EM JOGO COM  
15 CARTÕES

Desporto, 38/39



## Estado e Angola em litígio por causa dos diamantes

Empresa estatal portuguesa SPE recorre a tribunal arbitral e escolhe Marcelo Rebelo de Sousa em litígio com Angola por causa da revogação de licença de exploração **p14**

PUBLICIDADE

**CAMBRIDGE SCHOOL**  
PORTUGAL

Inscrições abertas

Educação: o seu melhor investimento.

www.cambridge.pt INGLÊS | FRANCÊS | ALEMÃO | PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS



## FUNDO SOCIAL EUROPEU

# Empresa de que Passos foi gestor ficou com a parte de leão de fundos geridos por Relvas entre 2002 e 2004

A Tecnoforma viveu o seu período de maior sucesso no tempo em que Passos Coelho foi seu consultor, Relvas geria o programa Foral, Paulo Pereira Coelho era o gestor do programa na Região Centro. Em comum tinham o facto de terem sido dirigentes da JSD, tal como outros elementos chave do sucesso da empresa. No Centro a Tecnoforma chegou a ter 82% do financiamento aprovado a privados

José António Cerejo

**A** empresa Tecnoforma, na qual Pedro Passos Coelho trabalhava quando Miguel Relvas era o secretário de Estado com a tutela da formação profissional para as autarquias, entre 2002 e 2004, arrecadou mais de um quarto dos contratos celebrados com privados, no mesmo período, no quadro do programa Foral. Passos Coelho era consultor da empresa e tinha sido contratado para acompanhar esse programa de formação destinado a funcionários das autarquias.

No caso da Região Centro, a esmagadora maioria do negócio foi parar às mãos da Tecnoforma durante esses três anos. Em número de projectos, a empresa conseguiu 63% do total aprovado na região a privados e 26% no conjunto do país, também em relação aos privados. Já em termos de valor, foram-lhe atribuídos três quartos dos financiamentos concedidos a privados nessa região e nesse período – e o grosso das verbas do Foral, que absorveu cerca de 100 milhões de euros em todo país ao longo dos seis anos da sua execução, foi para as autarquias.

No Norte, a Tecnoforma, que tem sede em Almada, ficou-se por 9% do total dos projectos viabilizados a privados entre 2002 e 2004, e nas três regiões restantes – Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve

– não teve uma única aprovação.

O Foral, financiado pelo Fundo Social Europeu e pelo Estado, foi lançado por António Guterres em 2001 e dependia directamente de Miguel Relvas, secretário de Estado da Administração Local de Durão Barroso e antigo secretário-geral da Juventude Social Democrata (JSD) num dos mandatos em que Passos Coelho foi seu presidente.

A hegemonia da Tecnoforma no Centro verificou-se sobretudo no período em que o gestor do Foral na região era Paulo Pereira Coelho, presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro (CCDR), que tinha sido membro da comissão política nacional da JSD e seu presidente no distrito de Coimbra, quando Passos também era dirigente da organização juvenil do PSD. Pereira Coelho tinha sido igualmente deputado do PSD e era sócio de Miguel Relvas numa empresa de consultoria sem actividade.

A Tecnoforma tinha entre os seus três administradores e accionistas o advogado João Luís Gonçalves, que também foi secretário-geral da JSD ao tempo em que Passos Coelho era presidente, no início dos anos 90.

A aprovação dos projectos apresentados pelas empresas privadas, que previamente tinham de firmar protocolos de colaboração com as autarquias cujo pessoal se propunham formar, era feita ao nível das cinco CCDR de uma forma aberta, um a um, e independentemente de

todos os outros. A homologação final competia ao secretário de Estado da Administração Local.

## Um consultor muito especial

Passos Coelho, que nos seus currículos aparece como “consultor para a área da formação” na Tecnoforma entre 2000 e 2004, estava ligado à empresa por um contrato de trabalho que contemplava expressamente os seus serviços em três áreas: “Consultoria de formação profissional, sociedade da informação e programa Foral.” No entanto, Passos foi também administrador da Tecnoforma entre 2005 e meados de 2007, facto que é omitido nas publicações conhecidas. Em Março de 2007 ainda assinou numerosa documentação relativa ao programa Foral, graças a uma procuração que lhe dava poderes para gerir a empresa e que só foi revogada no passado mês de Agosto, depois de o PÚBLICO o ter questionado sobre o assunto (**ver texto na pág. 6**).

A possibilidade de Relvas ter favorecido uma empresa ligada a Passos Coelho entre 2002 e 2004 – quando o primeiro era secretário de Estado e principal responsável político pelo programa Foral, cargos em que foi depois substituído por Paulo Pereira Coelho – foi sugerida pela vereadora da Câmara de Lisboa Helena Roseta no fim de Junho deste ano. Em declarações à SIC, a autarca contou que Relvas lhe propôs, nessa altura, uma parceria com a Ordem dos Arquitectos, de que era presidente,

com vista à promoção de acções de formação para arquitectos das autarquias, recorrendo a verbas do Foral. O secretário de Estado terá posto, porém, uma condição: a Ordem teria de contratar a empresa de Passos Coelho para fazer a formação. “Fiquei passada”, disse Helena Roseta, acrescentando que, devido a essa imposição, recusou a proposta.

No dia seguinte a arquitecta disse não se recordar do nome da empresa e nada saber sobre a sua eventual participação no Foral. Miguel Relvas e Passos Coelho não fizeram então qualquer comentário. Relvas, contudo, fez depois saber que apresentou uma queixa em tribunal, por difamação, contra Roseta.

Lançada a dúvida, o PÚBLICO procurou esclarecer o envolvimento no Foral da única empresa de formação a que Passos Coelho esteve ligado no período em que Relvas tutelava aquele programa. A empresa é a Tecnoforma e os números revelam a sua total hegemonia, face à meia centena de empresas privadas que tiveram candidaturas aprovadas pela estrutura do Foral naqueles dois anos e alguns meses.

## Uma empresa nova no ramo

Os dados que foi possível obter através das comissões de coordenação e desenvolvimento (CCDR) das cinco regiões em que o país está dividido, que eram as responsáveis pela gestão do Foral, prendem-se apenas com os projectos apresentados directamente

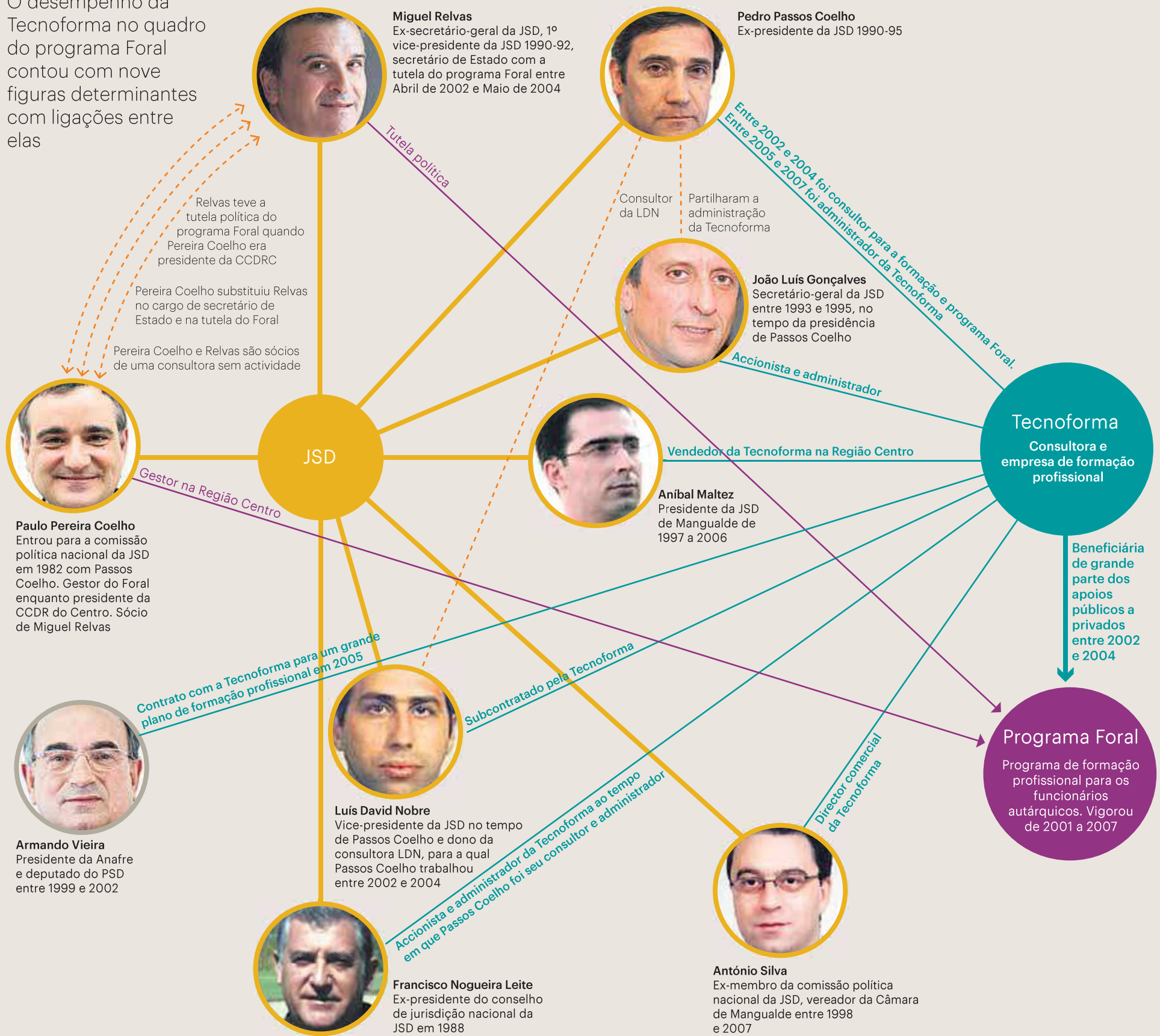
pelas empresas de formação, na qualidade de promotoras, para depois os executarem em colaboração com as autarquias.

Desta análise não constam, por não estarem acessíveis através dos relatórios das CCDR, os números referentes às centenas de candidaturas promovidas pelas autarquias e outras entidades sem fim lucrativo – como seria o caso da Ordem dos Arquitectos, se a alegada proposta de Relvas tivesse sido aceite por Roseta –, que deram origem, mais tarde, à contratação de empresas privadas para concretizarem os cursos aprovados. Foi o que aconteceu, por exemplo, com a Associação Nacional de Freguesias (Anafre), que contratou a Tecnoforma (**ver texto na pág. 7**) para executar cinco acções de formação com um valor total superior a 2,4 milhões de euros.

À época em que assumiu o controlo quase absoluto da vertente privada do Foral na Região Centro, a Tecnoforma estava, todavia, longe de ocupar um lugar de liderança, ou sequer de destaque no mercado português da formação profissional. Criada em 1994, sobretudo para trabalhar em Angola, a empresa só foi adquirida pelos seus actuais donos, e por João Luís Gonçalves, entre 1999 e 2001, passando então a apostar na área da formação em Portugal. Foi nessa altura que Passos Coelho foi contratado, a recibos verdes e mediante uma retribuição mensal de 2500 euros, precisamente com o objectivo, segundo o próprio declarou ao PÚBLICO, de “acom- →

## Uma rede de negócios à volta do Foral que nasceu na JSD

O desempenho da Tecnoforma no quadro do programa Foral contou com nove figuras determinantes com ligações entre elas





# FUNDO SOCIAL EUROPEU

→ panhar a entrada da empresa no negócio da formação em Portugal?.

Nos seus primeiros tempos na Tecnoforma Passos Coelho era estudante de Economia na Universidade Lusitana (concluiu o curso em 2003) e era simultaneamente consultor da LDN, uma empresa de um seu antigo vice-presidente na JSD, além de colaborador da Urbe, uma associação também ligada à formação profissional e a antigos dirigentes da JSD.

## Os números do sucesso

Os resultados obtidos por Passos Coelho na Tecnoforma certamente não defraudaram as expectativas dos acionistas. Só no que respeita ao Foral e aos projectos de que foi promotora, a empresa conseguiu, entre 2002 e 2004, a aprovação de 28 candidaturas, 20 das quais no Centro (duas em 2002, 13 em 2003 e cinco em 2004) e oito na Região Norte, no valor global de cerca de quatro milhões de euros. Deste total, mais de 3,6 milhões correspondem aos projectos aprovados no Centro e perto de 400.000 aos do Norte. Nas restantes três regiões não teve qualquer aprovação, nem apresentou qualquer candidatura.

As 20 aprovações averbadas no Centro, naquele período, equivalem a 63% dos 32 projectos aí aprovados a privados, distribuindo-se as outras 12 por 11 empresas. Em termos de valor, esses 20 projectos da Tecnoforma (3,6 milhões de euros) representam 76% do volume dos 32 aprovados a privados na região. O valor das aprovações aí obtidas só em 2003 equivale a 82% do total da região. As 28 candidaturas que conseguiu no Centro e Norte traduzem-se em 26% das 107 aprovadas às 45 empresas que viram as suas propostas viabilizadas nas cinco regiões.

Sendo certo que a Tecnoforma teve 20 projectos aprovados só no Centro, entre 2002 e 2004, as empresas que se seguem com mais aprovações nesse período, em todo o país, tiveram entre duas e nove aprovações (no caso excepcional de uma empresa da Associação Empresarial de Portugal). Se se considerar o montante das candidaturas aprovadas na Região Centro até ao fim de 2004, que foi de 15,6 milhões de euros para todo o tipo de entidades, entre as quais as empresas privadas de formação são uma pequena minoria, o valor dos projectos aprovados à Tecnoforma nesse período (3,6 milhões) equivale a 23% daquele total.

O programa Foral, contudo, durou muito mais do que os três anos em análise. Na prática, vigorou de 2001 a

2007. Nesse período, o dinheiro efectivamente recebido pela empresa ficou muito aquém do total aprovado, devido ao facto de alguns projectos, tal como sucedeu com outros promotores, não terem sido integralmente executados. Para isso poderá ter contribuído a saída do PSD do Governo, em 2005, altura em que se tornou mais difícil, e nalguns casos impossível, a prorrogação de acções, cuja execução se encontrava muito atrasada.

O total pago à Tecnoforma na Região Centro cifrou-se assim em cerca de 2,6 milhões de euros, praticamente 10% dos 25,9 milhões que foram pagos às 163 entidades públicas e privadas financiadas pelo Foral naquela região. No conjunto do país, o programa envolveu um investimento público (europeu e nacional) de, pelo menos, 98,6 milhões de euros, segundo os dados disponíveis nos relatórios das CCDR.

À primeira vista, dir-se-ia que os 3% que couberam àquela empresa na globalidade das verbas gastas com o programa são irrelevantes. Na realidade, essa quota é particularmente elevada, tendo em conta que os restantes 95,6 milhões de euros foram distribuídos, além de a uma centena de empresas privadas de formação profissional, por centenas de câmaras municipais e juntas de freguesia, dezenas de associações de municípios, empresas municipais, sindicatos e outras organizações elegíveis, com especial destaque para o antigo Centro de Estudos e Formação Autárquica, uma importante entidade formadora de natureza pública ligada à Associação Nacional de Municípios Portugueses.

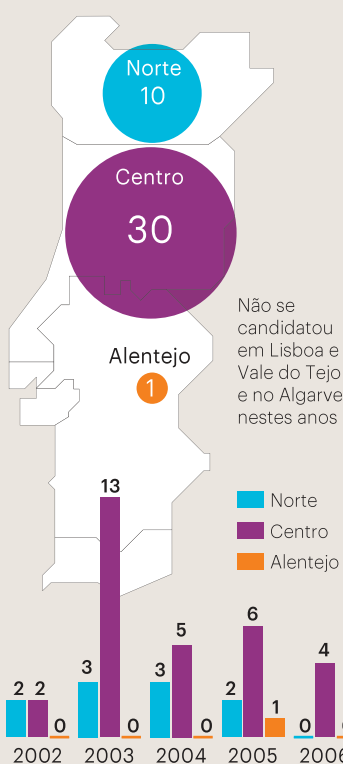
A partir de 2005, ano em que o PS regressou ao Governo, a Tecnoforma viu, porém, o seu peso decrescer no Centro do país, conseguindo apenas mais dez aprovações até ao final do programa, em 2008. No Norte teve mais dois projectos aprovados, no Alentejo dois e em Lisboa e no Algarve nenhum. Não estando em causa números absolutos especialmente elevados, o montante das aprovações obtidas directamente pela Tecnoforma entre 2002 e 2004, sobretudo na Região Centro, com cerca de dois milhões de euros só em 2003, assume uma particular relevância, já que a facturação total da sociedade tinha sido de apenas 1,2 milhões de euros em 2001.

**Passos e as razões do sucesso**  
Questionado sobre o sucesso da

## Uma viagem de cinco anos ao programa Foral com a Tecnoforma

O período 2002-2004 foi de ouro para a consultora na Região Centro. Nos dois anos seguintes foi o declínio

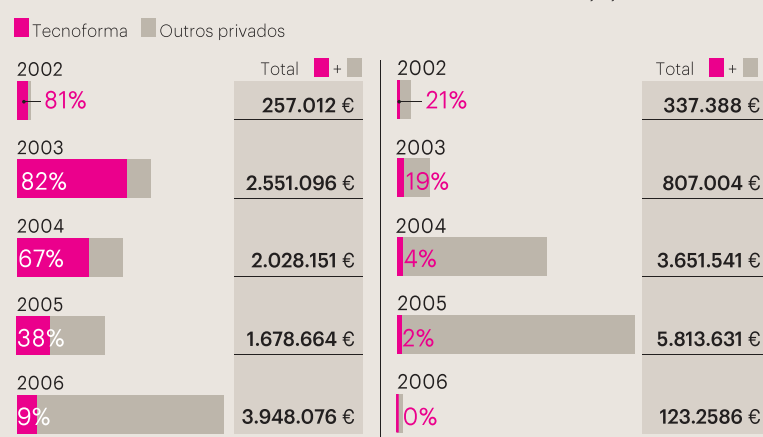
**Projectos da Tecnoforma aprovados**  
N.º de projectos aprovados nas três regiões onde se candidatou



**Peso da empresa entre os privados**

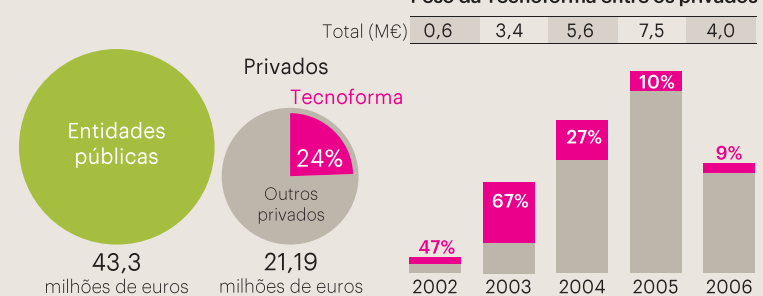
Valor das aprovações no Centro...

... e no Norte e Alentejo juntos



**Financiamento total aprovado nas três regiões**

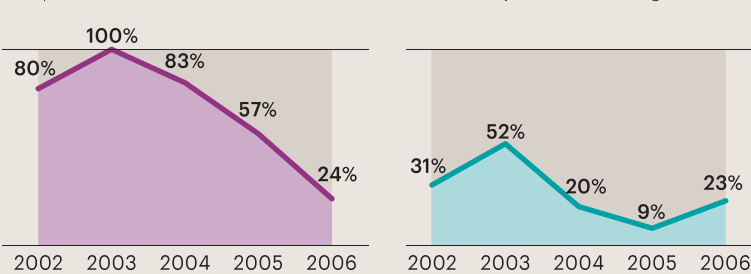
Total de 2002 a 2006



**O que a Tecnoforma recebeu do Foral entre todos os privados**

Despesa realizada no Centro...

... e no conjunto das três regiões

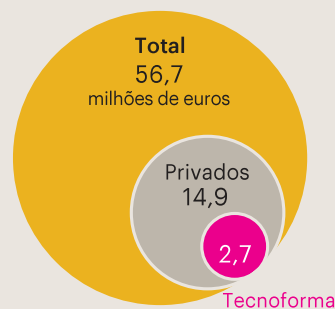


**Quanto e quem recebeu, de facto, dinheiro do Foral**

Empresas privadas na Região Centro... (em euros)

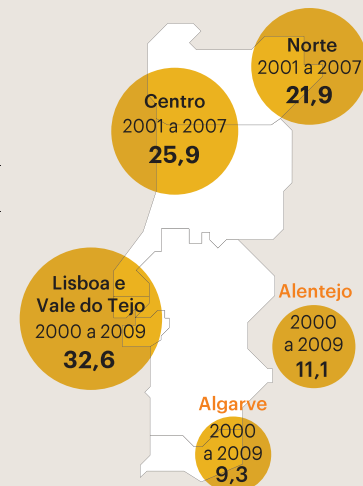
... E todos os beneficiários nas três regiões

	Todos os privados	Tecnoforma
2002	41.341	33.253
2003	502.375	502.375
2004	906.756	752.483
2005	786.494	445.300
2006	2.418.188	585.117
<b>Total</b>	<b>4.655.154</b>	<b>2.318.527</b>



**O que valeu globalmente o programa Foral no país**

Financiamento pago a todos os beneficiários, despesa executada\* em milhões de euros



\* A partir dos relatórios oficiais disponíveis. Apesar de o programa ter feito pagamentos até 2009, nem todos os relatórios vão até esse ano; por isso, este valor poderá ser inferior ao real. Na Região Centro, o relatório final não dispõe de dados. Número obtido através da CCDR.

Nota: Os relatórios oficiais de execução da Região Centro arrumam os dados em termos acumulados, aqui convertidos em valores anuais como os das outras duas regiões. Nas outras duas regiões são valores anuais.

Fonte: Relatórios anuais e finais de execução dos PO Norte, PO Centro e PO Alentejo do QCA III





## Helena Roseta acusou Miguel Relvas de ter posto como condição contratar a Tecnoforma para ter acesso ao Foral

empresa no âmbito do Foral e em especial na Região Centro, entre 2002 e 2004, Passos Coelho, que aceitou responder pessoalmente a todas as perguntas do PÚBLICO, afirmou: “Não tenho nenhuma explicação especial.” Mas logo a seguir adiantou que havia na Tecnoforma “uma estrutura de captação de oportunidades junto das câmaras municipais que era muito forte na Região Centro”. Tinha à frente “um tipo muito dinâmico, uma pessoa muito conhecida do dr. João Luís Gonçalves”, sublinhou. Quanto ao seu próprio papel no êxito da operação, Passos Coelho assegurou que, tanto como consultor, como mais tarde na condição de gestor, nunca teve uma intervenção operacional no campo da formação, tendo desempenhado, sobretudo, funções na área da consultoria.

O que não o impediu, referiu o próprio, de ter tido algumas reuniões com o técnico superior da CCDRC (Carlos Ferreira) que tratava das candidaturas ao Foral e até de ter tido uma reunião com o ministro das Obras Públicas (Carmona Rodrigues), e outra com o secretário de Estado da Administração Local (Miguel Relvas), em que foram tratados assuntos relativos a formação profissional. No caso de Carmona Rodrigues, afirmou, a conversa passou por um projecto relacionado com o Foral, mas no caso de Relvas, sublinhou, não se falou desse programa.

### “Nunca pedi favores”

Sobre a possibilidade de a Tecnoforma ter sido favorecida na Região Centro, devido a Miguel Relvas ser responsável pela tutela do Foral, ou Paulo Pereira Coelho presidir à CCDRC e ele próprio ter importantes funções na empresa, Passos Coelho considerou a ideia “um absurdo”.

Quanto a Miguel Relvas, garante que nunca falou com ele sobre o Foral. Quanto a Paulo Pereira Coelho diz que nunca teve com ele uma relação privilegiada. E observa: “Antes pelo contrário, estivemos sempre desencontrados. Nem tinha ideia de ele ter sido presidente da CCDRC.”

Passos sustenta que nesse tempo “estava fora do jogo político” e que “não era exactamente uma *persona grata* junto do Governo do dr. Durão Barroso”. Em muitos casos, acrescenta, nem sequer fazia “o primeiro interface” da empresa com o exterior, porque “não queria que ela fosse prejudicada” por essa razão. “O que posso dizer com total à-vontade” – frisou o actual primeiro-ministro –

“é que nunca tratei com o dr. Miguel Relvas de matérias nenhuma do Foral. E nunca pedi favores políticos a ninguém. Nem para mim, nem para a minha família, nem para empresas a que estivesse ligado. Nunca fui capaz de pedir favores a ninguém.”

### Relvas recusa interferência

Miguel Relvas, por seu lado, respondeu ao PÚBLICO, por escrito, garantindo que, enquanto secretário de Estado da Administração Local entre Abril de 2002 e Maio de 2004, nunca teve “qualquer relacionamento directo com as CCDR, municípios ou outras entidades com a finalidade de promover contratos de financiamento independentemente do seu objecto”. O agora ministro acrescentou que “as candidaturas apresentadas pela empresa Tecnoforma seguiram exactamente os mesmos trâmites de qualquer outra empresa”.

Quando deixou a Secretaria de Estado, Relvas foi substituído nessas funções, e na tutela do Foral, por Paulo Pereira Coelho, o até então presidente da CCDRC e agora empresário em Angola que o PÚBLICO não conseguiu contactar.

Estes dois ex-dirigentes da JSD são sócios da Cofeco, uma empresa de consultoria com sede em Coruche, na qual adquiriram 66% do capital em 1991, e que nunca teve qualquer actividade. A entrada dos dois então jovens deputados para a sociedade nunca foi inscrita no Registo Comercial, embora ambos tenham sempre declarado essas participações ao Tribunal Constitucional.

Quem rejeita igualmente a hipótese de favorecimento da Tecnoforma é o seu antigo administrador e ex-secretário-geral da JSD João Luís Gonçalves, que vendeu as suas acções na

empresa há quatro anos. A aposta da Tecnoforma no Centro, salienta, teve a ver não só com o facto de o seu responsável comercial, António Silva, ser de Mangualde, mas também com a circunstância de a região de Lisboa “ter menos fundos” por ser mais rica. “Tanto quanto é do meu conhecimento, nunca houve nenhum procedimento menos claro ou susceptível de censura ética ou moral.” E acrescenta: “Tenho a certeza absoluta, conhecendo as pessoas como conheço, de que nada de ilícito ou obscuro aconteceu.”

Mais veemente mostra-se Sérgio Porfírio, então e ainda presidente do conselho de administração da Tecnoforma, que diz não ter qualquer relação com o PSD. “Essas ligações políticas não têm nada a ver com o sucesso da nossa operação. A empresa foi ao mercado, porque existia um mercado para trabalhar e porque tinha *know-how* e experiência desde 1984.” O empresário assegura que a Tecnoforma “não tem nada a ver com jogadas políticas” e que “até já foi penalizada e perdeu contratos por esse senhor [referindo-se a Passos Coelho] lá ter trabalhado”.

### “Havia pouca concorrência”

Porfírio diz que a empresa se limitou a aproveitar um mercado em que “havia pouca concorrência”, porque “o Foral era mal conhecido e as empresas, que eram cerca de 4200, estavam assoberbadas de trabalho com outros programas”.

Os números oficiais mostram, todavia, que, apesar de o Foral ter tido um nível de execução muito baixo até à chegada de Relvas à Secretaria de Estado, em Abril de 2002, houve numerosas candidaturas chumbadas, sobretudo na Região Centro e na de Lisboa e Vale do

Tejo. Na primeira, foram rejeitados 100 projectos nos seis anos do Foral (nenhum da Tecnoforma) e na segunda foram aprovados 72 (dois desta empresa).

O presidente da Associação Nacional de Entidades Formadoras, Teles Fernandes, não partilha a ideia de que os privados não se interessaram por aquele programa. “A Secretaria de Estado dizia que havia muitos fundos disponíveis, mas a percepção das empresas era a de que o dinheiro estava a ser todo absorvido pelas candidaturas das câmaras [e outras entidades públicas].” “Dizia que havia dinheiro, mas depois os serviços das CCDR respondiam que as verbas estavam esgotadas.”

### “Um tipo muito dinâmico”

No caso da Tecnoforma e do Centro, a avaliar pelo sucesso que a empresa aí teve entre 2002 e 2004, estes problemas não se punham. A principal razão de tudo lhe ter corrido tão bem, no entender de Passos Coelho, estava no tal “tipo muito dinâmico”, uma pessoa de cujo nome afirmou não se recordar e acerca da qual disse apenas que era “muito conhecida” de João Luís Gonçalves.

O que o então consultor não referiu foi que essa pessoa, António Silva, era um advogado que ocupava desde 1998 o lugar de vereador em regime de permanência na Câmara de Mangualde (Viseu), eleito pelo PSD, tinha pertencido à comissão política nacional da JSD e tinha um contrato de trabalho a tempo inteiro com a Tecnoforma, pelo menos desde Novembro de 2002. A Câmara de Mangualde foi, aliás, a primeira a assinar, em Maio de 2002, um protocolo com a Tecnoforma para que esta apresentasse à CCDRC uma candidatura destinada a formar o seu pessoal com verbas do Foral.

Também o presidente do conselho de administração da Tecnoforma invoca o papel de António Silva como razão do êxito da empresa no Centro. Sérgio Porfírio confirma a importância do trabalho do ex-vereador, que em 2005 se tornou vice-presidente da Câmara de Mangualde, e explica que ele começou por ser director de projecto e depois passou a director comercial da empresa. Mas salienta que havia na região mais dois ou três comerciais, apontando em primeiro lugar Aníbal Maltez. Nessa altura, este era o presidente da JSD de Mangualde.

Quinze dos 20 projectos do Foral aprovados à Tecnoforma entre 2002 e 2004 na Região Centro tiveram ori-

gem em protocolos celebrados com câmaras do PSD.

### “Esquemas” do PSD

Fortemente desagradado com o papel que a Tecnoforma começou a ocupar na Câmara de Mangualde, em 2002, ficou o seu então vice-presidente, Castro de Oliveira, do CDS, eleito em 2001 na lista de coligação que integrava António Silva. “Aquilo [os projectos de formação da câmara com a Tecnoforma] foi uma forma de estragar dinheiros públicos. Era uma jogada de várias pessoas para se servirem dos dinheiros fáceis da Europa. O que se falava era de esquemas entre várias pessoas importantes do PSD. Eu tinha a noção de que António Silva tinha relações privilegiadas com a Tecnoforma, o Passos Coelho e outras grandes figuras do PSD”, afirma o ex-autarca.

Num despacho que assinou em Outubro de 2002, Castro de Oliveira insurge-se mesmo contra a forma como a empresa se relacionava com o município: “Ou tudo isto é uma brincadeira (e estou velho para elas), ou, então, quem dirige a câmara é a prestadora do serviço [Tecnoforma] ... facto com que não pactuo.”

Passados dez anos, o então presidente da autarquia, Soares Marques (PSD) – que em 2007 retirou a António Silva todas as competências que nele havia delegado –, explica o que se passou. “Quem liderou todos os contactos e todo o processo de formação profissional na Câmara de Mangualde foi o dr. António Silva, por via dos contactos que tinha com o dr. João Luís Gonçalves, que era um dos donos da Tecnoforma e tinha sido seu *compagnon de route* na jota.” Soares Marques diz que entretanto cortou relações com António Silva, mas que em 2002, apesar da discordância de Castro de Oliveira, acabou por dar luz verde à colaboração com a empresa, porque não vislumbrou nisso “contornos de ilicitude”.

António Silva, por seu lado, limitou-se a dizer ao PÚBLICO que entrou para a Tecnoforma “talvez em 2002” e que só conheceu os seus responsáveis quando eles desenvolveram o projecto para a Câmara de Mangualde. “Só passados uns anos é que entrei para a empresa”, assegurou, desligando o telefone, quando lhe estavam a ser apontadas as suas antigas ligações a João Luís Gonçalves e a data de assinatura de um dos seus contratos de trabalho a tempo inteiro com a Tecnoforma: 4 de Novembro de 2002, antes do início da formação na Câmara de Mangualde.



Passos e Relvas negam ter alguma vez falado entre si sobre o Foral



## FUNDO SOCIAL EUROPEU

# Currículo de Passos Coelho omite que foi dois anos administrador da Tecnoforma

Passos Coelho sempre disse que foi apenas consultor da Tecnoforma e que a deixou em 2004, quando foi trabalhar com Ângelo Correia. Afinal foi administrador até 2007. “Confusão minha”, disse ao PÚBLICO

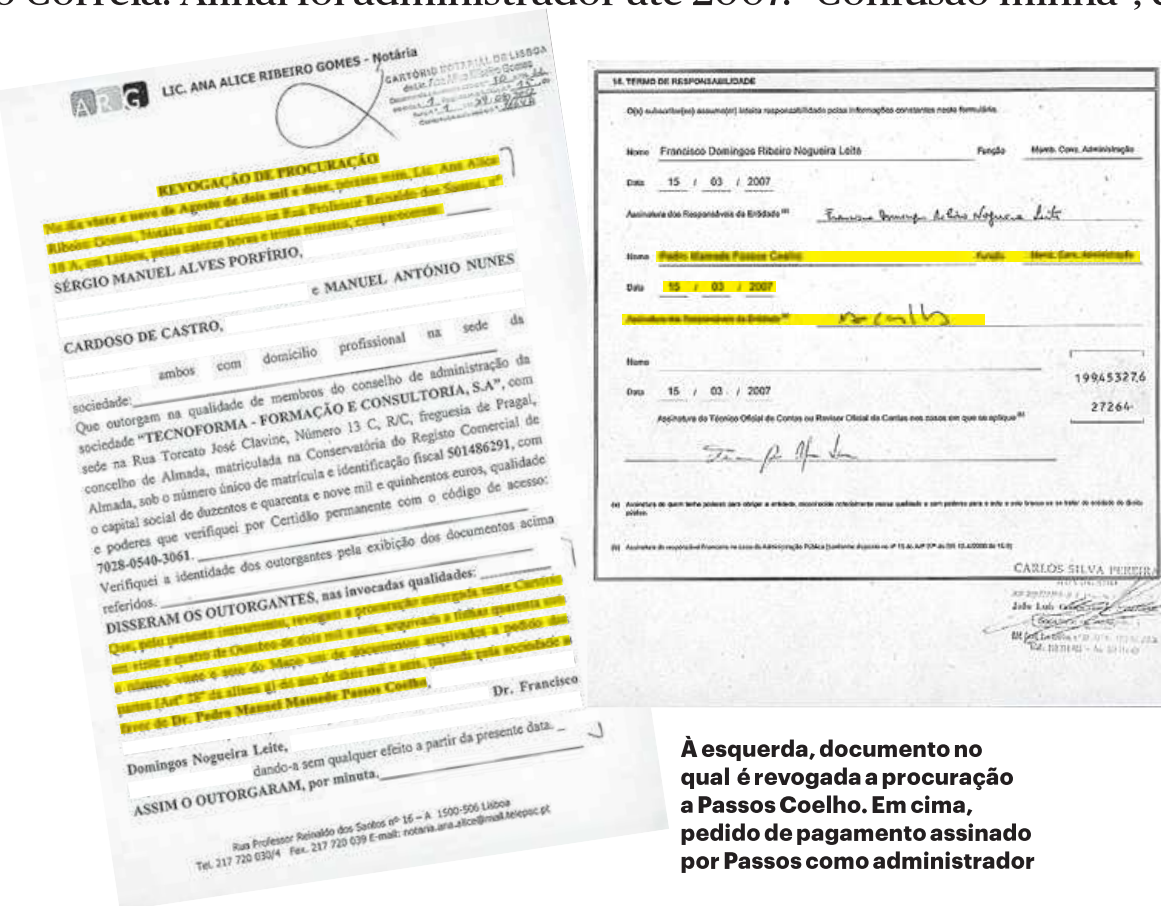
José António Cerejo

**P**edro Passos Coelho disse ao PÚBLICO, e consta dos seus currículos, que cessou todas as suas actividades na Tecnoforma no início de 2004. Mas em Abril de 2007, ainda era administrador daquela empresa. Confrontado com o facto, Passos Coelho manifestou-se extremamente surpreendido e, depois de o confirmar com terceiros, comentou: “Confusão minha! Estava convencido de que tinha saído em 2004.”

Contratado em 2000, por iniciativa de João Luís Gonçalves, que era um dos donos da empresa e tinha sido seu secretário-geral na JSD, Passos Coelho aparece em todas as publicações relativas ao seu percurso profissional como tendo ocupado na Tecnoforma apenas um lugar – o de consultor. As mesmas publicações e currículos indicam que toda a colaboração entre o consultor e a empresa terminou em 2004. E o mesmo afirmou o primeiro-ministro ao PÚBLICO em meados de Agosto deste ano.

Passos Coelho, porém, face às perguntas que lhe foram feitas, adiantou que durante “um período que não foi longo” e que “terá durado talvez um ano e pouco” desempenhou as funções de administrador da empresa, juntamente com o seu amigo Francisco Nogueira Leite. Este gestor (sem qualquer ligação familiar ao administrador da CGD António Nogueira Leite) foi presidente do conselho de jurisdição nacional da JSD no final dos anos 80 e em Julho passado foi nomeado presidente da Parvalorem, uma empresa de capitais públicos ligada ao antigo BPN.

Solicitado repetidamente a esclarecer qual foi o período em que geriu a Tecnoforma, Passos Coelho respondeu várias vezes que foi em



À esquerda, documento no qual é revogada a procuração a Passos Coelho. Em cima, pedido de pagamento assinado por Passos como administrador

2003 e princípio de 2004, altura em que cessou todas as suas ligações à empresa e foi trabalhar com Ângelo Correia no grupo Fomentinvest – onde foi administrador executivo de três empresas no período de 2005 a 2007. A administração da Tecnoforma foi-lhe entregue, explicou, através de uma procuração emitida pelos anteriores administradores e que “foi revogada” a seu pedido e de Nogueira Leite, quando deixaram a empresa, em 2004.

## A confusão de Passos

No entanto, conforme o PÚBLICO lhe assegurou e o próprio veio a confirmar através de dois telefonemas que fez durante a conversa, um deles para o presidente da empresa, Sérgio Porfírio, e outro para Nogueira Lei-

te, as coisas não se passaram assim.

Primeiro: as suas funções como administrador da Tecnoforma prolongaram-se pelo menos até Abril de 2007. Aliás, no mês anterior e naquela qualidade, lembrou-lhe o PÚBLICO, assinou o pedido de pagamento de saldo (**ver imagem**) da mais cara de todas as acções do programa Foral aprovadas no país, mais concretamente na Região Centro. “Confusão minha! Estava convencido de que tinha saído em 2004”, concluiu Passos Coelho.

Segundo: a procuração que lhe dava poderes de gestão, assim como a Nogueira Leite, nunca tinha sido revogada e continuava em vigor em meados de Agosto deste ano. “Isso é um absurdo! Saímos, porque os accionistas queriam retomar a gestão

da empresa dentro de um horizonte diferente daquele que estava combinado e nós não tínhamos interesse nenhum em ficar associados à gestão daí para frente”, comentou Passos Coelho, acrescentando que nessa altura pediu “expressamente” que a procuração fosse revogada.

Posteriormente, Sérgio Porfírio declarou que o facto de isso não ter sucedido se deve a um lapso da empresa e no passado dia 29 de Agosto formalizou a sua revogação num cartório notarial de Benfca, em Lisboa (**ver imagem**).

Confuso é também o facto de Passos Coelho e Nogueira Leite terem actuado como administradores da empresa entre 2005 e 2007, conforme explicitou o seu presidente – “assinaram os relatórios e contas

de 2005 e 2006” –, sem que a sua nomeação alguma vez tenha sido inscrita no registo comercial, como a lei exige. Mais uma vez surpreendido, Passos Coelho reagiu: “Essa foi a informação que me foi prestada pelos próprios accionistas [a de ter sido nomeado administrador na assembleia geral da empresa]. Nunca usurpei lugares na minha vida!”

Segundo o primeiro-ministro, os donos da empresa explicaram-lhe que a procuração [datada de Outubro de 2006] servia apenas para os dois administradores exercerem as suas funções até a sua nomeação ser registada na Conservatória do Registo Comercial. Na conversa telefónica que manteve com Nogueira Leite referiu, aliás, que assinou “imensos ofícios como presidente do conselho de administração”, lugar formalmente ocupado por Sérgio Porfírio.

O que Passos Coelho ignorava – garantiu – é que o registo da nomeação nunca tinha sido feito e que a procuração permanecia em vigor.

Sérgio Porfírio diz que não sabe por que é que a nomeação não foi registada, acrescentando: “Essa era uma responsabilidade do dr. João Luís Gonçalves, que tinha o pelouro dos assuntos jurídicos.” Já o facto de a procuração só ter sido passada em Outubro de 2006, apesar de Passos Coelho e Nogueira Leite terem sido nomeados administradores em meados de 2005, tem uma explicação para o presidente da empresa. “Até essa altura, eu mantinha as funções executivas e assinava todos os documentos. Depois fui para a universidade e deixei de ter tempo. Por isso é que foi passada a procuração, para eles poderem assinar.”

Posteriormente à conversa, Passos Coelho facultou ao PÚBLICO a consulta de um fax enviado por ele e por Nogueira Leite a um banco, em Maio de 2007, onde informam que cessaram funções na Tecnoforma no dia 1 desse mês.



## Anafre entregou negócio de 2,4 milhões à Tecnoforma

José António Cerejo

**A** Associação Nacional de Freguesias (Anafre), dirigida pelo antigo deputado do PSD Armando Vieira, contratou a Tecnoforma em 2005 para executar um plano de formação financiado pelo Foral em cerca de 2,4 milhões de euros. O presidente da Tecnoforma diz que o negócio foi arranjado por um ex-deputado do PSD, Luís David Nobre, que tem uma empresa da qual Passos Coelho também era consultor. “É totalmente falso!”, responde este.

O programa incluía cinco projectos, um por região, e o seu objectivo consistia na formação à distância (*e-learning*) de pessoal e autarcas de 2400 juntas de freguesia. As cinco candidaturas tinham sido apresentadas pela Anafre, mas esta adjudicou a sua execução à Tecnoforma, da qual Passos Coelho era então gestor. Na Região Norte, tinha sido aprovada uma despesa de cerca de 415 mil euros, em Lisboa e Vale do Tejo 404 mil, no Alentejo 418 mil, no Algarve 122 mil e no Centro 1 milhão e 73 mil euros (44% do total).

Para levar por diante este plano, que o primeiro-ministro disse ao PÚBLICO ter sido liderado por ele e ter sido “muito bem sucedido”, a Tecnoforma estabeleceu uma parceria com a Universidade do Minho.

De acordo com o presidente da Anafre, que preside à Junta de Oliveira (Aveiro), a execução final do plano acabou por se ficar, já em 2007, por cerca de 1,4 milhões de euros, o que equivale a um sucesso moderado (59% do aprovado).

A forma como a Anafre optou pelos serviços da Tecnoforma é que não é clara. Vieira afirma que não se recorda de como chegou ao contacto com a empresa. Mas admite que a associação “se tenha informado de quais as empresas certificadas pelo Inofor [entidade que certificava as empresas de formação] para o efeito e que possuíssem plataforma informática capaz de dar resposta a esta importante acção formativa”. O presidente da Anafre acrescenta que essas empresas eram “raras” e que a Tecnoforma foi a escolhida “por possuir as condições exigidas para o

efeito, iniciando-se os contactos no primeiro trimestre de 2005”.

Uma resposta claramente diferente é dada por Sérgio Porfírio, presidente da empresa. “Fomos apresentados à Anafre pelo dr. Luís David Nobre, que era amigo do dr. João Luís Gonçalves [então accionista e administrador da Tecnoforma e antigo secretário-geral da JSD]”, afirma o empresário, sem hesitar.

Mas quem é Luís David Nobre? É advogado, foi vice-presidente da JSD, quando Passos era seu presidente e quase ao mesmo tempo que João Luís Gonçalves foi seu secretário-geral. Nobre foi depois deputado do PSD e entre 2001 e 2004 deu emprego a Passos Coelho como consultor da LDN – uma empresa de consultoria que criara anos antes.

Num memorando elaborado por Francisco Nogueira Leite (outro ex-dirigente da JSD) sobre as actividades desenvolvidas por ele e por Passos, quando foram administradores da Tecnoforma, entre 2005 e 2007, referem-se, aliás, “reuniões com a Anafre e com a LDN com o objectivo de reanimar o projecto de *e-learning* e iniciá-lo em ordem a não ser definitivamente cancelado”.

Certo é que Nobre rejeita categoricamente a afirmação de Porfírio quanto ao facto de ter sido ele o elo de ligação entre a associação e a Tecnoforma. “É totalmente mentira! Eu não conhecia o Armando Vieira, nunca me tinha cruzado com ele no Parlamento, porque saí em 1999 e ele entrou nesse ano.”

Luís Nobre confirma, no entanto, que esteve ligado aos projectos da Tecnoforma com a Anafre, mas apenas como subcontratado, através do seu amigo João Luís Gonçalves. E acrescenta que as coisas até não correram bem. “Ficaram-me a dever dezenas de milhares de euros e ainda hoje tenho uma acção em tribunal contra a Tecnoforma por causa disso.” Sérgio Porfírio contrapõe: “Também temos uma acção contra ele, porque ele se portou mal.”

O dono da LDN deixa uma última farpa dirigida aos actuais patrões da Tecnoforma. “Eles não tinham nenhuma plataforma informática de ensino à distância para o projecto. Havia muitas empresas no mercado que as tinham, mas eles tiveram de alugar uma.”

## microcrédito BES

### Amigo do ambiente

Sempre quis um restaurante mas a “costela” ambiental levou um ex-militar a investir nos consumíveis informáticos reciclados.



Nuno Silva quer acabar com o tabu dos consumíveis informáticos reciclados.

Uma feira de *franchising* foi o empurrão que faltava para Nuno Silva, natural de Estremoz, investir no seu negócio. Tinha terminado o contrato com o Exército e estava desempregado. Na feira descobriu a Fill-Up, uma empresa que se dedica à reciclagem de consumíveis informáticos. Fez mais algumas pesquisas sobre este tipo de negócio e avançou com a criação da Ecoviçosa, que detém a representação da Fill-Up na zona de Évora. Para Nuno Silva a “componente ambiental desta actividade” – que recicla, entre outro material, toners e tinteiros – também foi importante na sua decisão.

Abriu as portas com 12 500 euros do microcrédito do Banco Espírito Santo, do qual não era cliente. Hoje, não poupa elogios à “rapidez na decisão”

na concessão do empréstimo, que considera ter sido a “melhor solução” para arrancar com a empresa. Instalou-se em Vila Viçosa porque os preços eram mais acessíveis do que em Estremoz e a localização permite estar mais próximo das empresas com quem trabalha.

### Microcrédito do BES foi a melhor solução para abrir o negócio.

Aproveitando o espaço disponível – tem um armazém com 270 m<sup>2</sup> onde faz o trabalho de reciclagem – e as necessidades sentidas pelos seus clientes, agregou um

outro negócio: armazenista de artigos de papelaria.

É optimista e acredita no seu projecto empresarial mas considera que há muito a fazer na área da reciclagem de consumíveis informáticos. “Ainda temos que ultrapassar o tabu que existe nas empresas em relação a estes produtos. Há gente que pensa que não prestam, o que é totalmente mentira”, afirma.

Além disso é uma solução que também permite poupar dinheiro às empresas pois os consumíveis reciclados são mais baratos. No espaço de dois/três anos quer criar até quatro postos de trabalho. Até lá talvez consiga amealhar dinheiro para aquilo que sempre quis desde criança: abrir um restaurante. É que a cozinha é um dos seus hobbies preferidos.

Para mais informações consulte [www.bes.pt/microcredito](http://www.bes.pt/microcredito) ou siga-nos no Facebook